

responde a questões sobre o carácter fundamental do Islão como religião da submissão (com referência aos precedentes históricos na Arábia), sobre o fundador. Maomé, sobre a doutrina corânica, sobre o primeiro desenvolvimento histórico, sobre o Corão, a Sharia ou a lei islâmica, a Umma ou comunidade dos puros, e finalmente sobre os símbolos, festas e ritos islâmicos.

A segunda parte começa com a sucessão do profeta, com a divisão dos muçulmanos em sunitas, chiitas e jariyíes; o capítulo seguinte versa sobre o caminho místico, seguido pelos sufies e pelo marabutismo (como é o culto dos santos no Islão, etc.), apresentando os principais representantes da mística muçulmana. Um capítulo de grande interesse é o que trata dos grupos islâmicos na época moderna, com particular referência a Atatürk e ao seu movimento de laicização, aos talibãs e à Al Qaeda, entre outros.

Uma extensa conclusão procura responder a questões como: É possível o diálogo islâmico-cristão? Que diferenças entre guerra santa, Yihad, e as cruzadas? O ensino do Islão proíbe o terrorismo? Foi Charles de Foucauld um irmão universal entre os tuareg? Como gerar um autêntico diálogo interreligioso? Uma fé comum num único Deus?

Um vocabulário e uma bibliografia atinentes completam o volume.

LUÍS SALGADO

## HISTÓRIA / BIOGRAFIA

ROBLES, Manuel, **Pablo VI, ese gran desconocido. Anécdotas de un Papa**, col. «Testigos», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2014, 237 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-4584-6.

Manuel Robles, padre e jornalista – que já publicou também uma biografia do Papa Francisco (2013) –, assume aqui, como pressuposto, algo que é fácil de constatar: Paulo VI foi um papa discreto, sóbrio, avesso a grandes exibições e a palavras vazias. Por isso – e também, sem dúvida, pelo contraste com o modo de ser e de fazer, do seu sucessor quase imediato, João Paulo II –, não admira que o seu pontificado, exercido no tempo difícil do imediato pós-Vaticano II, sendo de uma enorme grandeza e cheio de consequências para a reforma e renovação da Igreja no tempo pós-conciliar, tenha sofrido de um eclipse que dura até ao presente. O autor deste livro propõe-nos uma aproximação do verdadeiro Paulo VI (agora, felizmente, beatificado), através de episódios da sua vida, desde a infância, que mostram que, por mais que tenha sempre cultivado a discrição e sempre dando a aparência de algo tímido, ele foi, verdadeiramente, um papa intelectual, enérgico e profundamente espiritual, que marcou a fundo a vida da Igreja para os tempos que vivemos.

Num primeiro capítulo, Manuel Robles apresenta uma série de episódios do ainda menino João Baptista Montini na sua relação com diversas pessoas da família, sublinhando a sua grandeza moral, espiritual e humana e as suas influências daquela na formação da personalidade do futuro Papa. Relata depois casos e facetas da sua infância e juventude: coisas aparentemente banais, mas que revelam já a personalidade em causa. O capítulo terceiro é dedicado ao tempo de estudos no Seminário de Brescia até à ordenação sacerdotal. O quarto, aos estudos em Roma, por vontade do seu bispo. O quinto refere episódios e passagens do seu trabalho na Secretaria de Estado, para onde foi chamado aos 26 anos e onde trabalhou – quem diria? – sob a chefia do Cardeal Ottaviani. No capítulo seguinte, os episódios são do tempo do seu serviço diplomático

na Nunciatura na Polónia. Vem depois o tempo em que, de novo em Roma, se dedicou particularmente ao apostolado entre os universitários. Vemo-lo, em seguida, chamado ao cargo de Substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé, tornando-se colaborador próximo de Pio XII. Após a morte deste, é ordenado bispo e assume o lugar de Arcebispo de Milão. Um longo capítulo mostra a grandeza da sua acção pastoral nesta importante diocese da Lombardia. Já então era apontado como possível sucessor de João XXIII, como de facto veio a acontecer. Sobre o seu pontificado, Manuel Robles regista episódios particularmente relevantes. Só a título de exemplo: acompanhamento das sessões do Concílio em curso, visita ao cárcere de Regina Coeli, viagem à Terra Santa, atentado em Manila, escrita da encíclica *Ecclesiam Suam* totalmente por suas mãos, amizade com Aldo Moro, publicação do novo *Ordo Missae*, encíclica *Humanae vitae* e exortação pós-sinodal *Evangelii nuntiandi*, sofrimentos causados por Mons. LeFebvre, etc. O último capítulo apresenta episódios e aspectos relacionados com a morte deste grande papa.

Uma biografia de estilo leve e leitura agradável, como é próprio da pena de um jornalista, que dá uma imagem bastante completa da personalidade e da obra de Paulo VI.

LUÍS SALGADO

## OUTROS

RODRÍGUEZ, José Vicente (org.), **Miguel de Unamuno, profeta y apóstol. Antología de sus textos**, col. «Monumenta», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2014, 542 p., 240 x 165,

encadernado com sobrecapa, ISBN 978-84-285-4565-5.

Com uma apresentação gráfica e editorial de excelente qualidade, esta antologia de textos de D. Miguel de Unamuno oferece ao leitor enorme quantidade de testemunhos do grande escritor e pensador espanhol, pertencente à conhecida «geração de 98», sobre a sua religiosidade de fundo cristão e a sua inquietação e preocupação pelo que, em relação à religião em geral e ao cristianismo em particular, se passava na Espanha do seu tempo. A sua postura no campo religioso lembra a de homens do lado de cá da fronteira, como Teixeira de Pascoas, de quem era amigo pessoal e em cuja Casa de Gatão chegou a estar hospedado. Mas lembra também o nosso Raul Brandão, homem profundamente religioso e grandemente inquieto com a indiferença de tantos face ao problema da existência ou não existência de Deus, uma inquietação e um problema que ele viveu com grande intensidade dramática nesse tempo em que Deus andava submetido ao grande julgamento dos «mestres da suspeita», especialmente desde a proclamação da sua morte por Nietzsche.

Miguel de Unamuno foi acusado de tudo: ateu, herege, herege máximo, agnóstico, modernista, racionalista, descatolicizador da juventude, etc., Mas o que ele foi, acima de tudo e constantemente, foi um homem profundamente religioso. Assim a si mesmo se considerava – e também cristão, apesar de não católico –, coisa esta que não admira, pois ao tempo da sua vida o catolicismo, além de estar sob a mira do ataque de muitos intelectuais, oferecia efectivamente razões e motivos bastantes para um certo distanciamento dele por parte de mentes mais exigentes de honestidade e de verdade.